

Cómo citar este trabajo: Ramalho, Néelson y Moreno, Bárbara (2025). Entre o Prazer e a Intimidade: Experiências de Clientes de Sexo Comercial num Fórum Online em Portugal. *Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, 15 pp: 1-18-
<https://doi.org/10.46661/relies.11875>

Entre o Prazer e a Intimidade: Experiências de Clientes de Sexo Comercial num Fórum Online em Portugal

Between Pleasure and Intimacy: Experiences of Commercial Sex Clients in an Online Forum in Portugal

Néelson Ramalho

Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa

nelson.ramalho@ulusofona.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9152-750X>

Bárbara Moreno

Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa

barbaracbmoreno@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1801-5875>

Resumo

O presente estudo investiga as experiências de clientes de sexo comercial, a partir de uma abordagem netnográfica centrada no fórum *GP-PT.net*, dada a escassez de investigações sobre este grupo em Portugal. A análise visou compreender como os clientes representam as suas interações com profissionais do sexo, as dinâmicas negociais envolvidas e os sentidos atribuídos às experiências sexuais. Os resultados mostram que este grupo não é homogêneo e que os seus relatos vão além da busca por satisfação física imediata. Muitos expressam o desejo por envolvimento afetivo, valorizando não apenas atributos físicos, mas também características emocionais e relacionais das profissionais. Práticas como a *Girlfriend Experience* ilustram a procura por simulação de intimidade romântica, carinho e atenção, desafiando leituras simplistas e unidimensionais do sexo comercial. A análise identificou ainda a importância do espaço físico (higiene, privacidade, conforto) e do processo comunicacional (notavelmente via WhatsApp) na configuração da experiência sexual. As interações são avaliadas com base em múltiplos fatores subjetivos, articulando expectativas, prazer e controlo. Paralelamente, observam-se comportamentos de risco recorrentes, como a resistência ao uso do preservativo e o consumo de álcool, embora não tenham sido relatadas formas explícitas de violência física. Conclui-se que o consumo de sexo comercial é atravessado por uma complexa teia de significados — relacionais, simbólicos e normativos — que ultrapassam a mera transação. O estudo contribui para dar visibilidade a este grupo frequentemente marginalizado, propondo uma leitura mais densa e contextualizada das práticas sexuais mediadas digitalmente.

Palavras-chave: Clientes do sexo comercial; Experiência sexuais; Netnografia; Plataformas digitais; Comportamentos de risco.

Abstract

This study investigates the experiences of commercial sex clients through a netnographic approach centered on the forum *GP-PT.net*, given the scarcity of research on this group in Portugal. The analysis aimed to understand how clients represent their interactions with sex workers, the negotiation dynamics involved, and the meanings attributed to sexual experiences. The results show that this group is not homogeneous, and their accounts go beyond the pursuit of immediate physical satisfaction. Many express a desire for emotional involvement, valuing not only physical attributes but also the emotional and relational characteristics of the professionals. Practices such as the *Girlfriend Experience* illustrate the search for the simulation of romantic intimacy, affection, and attention, challenging simplistic and one-dimensional readings of commercial sex. The analysis also identified the importance of the physical space (hygiene, privacy, comfort) and the communication process (notably via WhatsApp) in shaping the sexual experience. Interactions are assessed based on multiple subjective factors, articulating expectations, pleasure, and control. At the same time, recurring risk behaviors were observed, such as resistance to condom use and alcohol consumption, although no explicit forms of physical violence were reported. It is concluded that the consumption of commercial sex is shaped by a complex web of meanings—relational, symbolic, and normative—that goes beyond mere transaction. The study contributes to giving visibility to this often marginalized group, proposing a denser and more contextualized reading of digitally mediated sexual practices.

Keywords: Commercial sex clients; Sexual experiences; Netnography; Digital platforms; Risk behaviors.

1 Introdução

Esta investigação centra-se num grupo pouco estudado: os clientes de trabalho sexual. Em Portugal, embora a produção científica sobre o trabalho sexual tenha crescido nas últimas duas décadas (Cruz, 2016; Girão, 2009; Matias, 2014; Melo, 2015; Moreira, 2019; Oliveira, 2008, 2017; Pinto, 2018; Ramalho, 2012, 2019, 2021; Rolo, 2017; Sacramento, 2005), a figura do cliente continua relativamente invisibilizada. Com exceção de alguns estudos (Sacramento, 2005; Sacramento & Ribeiro, 2010; Marques, 2013; Cruz, 2016; Ramalho & Vaz, 2016), o tema permanece pouco explorado.

Procurando responder a essa lacuna, o presente estudo recorre a uma abordagem netnográfica centrada num fórum online português, com o objetivo de compreender como os clientes de sexo comercial representam as suas interações com profissionais do sexo, as dinâmicas negociais envolvidas e os sentidos atribuídos às experiências sexuais vividas.

Como destacam Sanders et al. (2018), fóruns e websites constituem espaços privilegiados para a partilha de experiências, dúvidas e preocupações de forma segura e anónima, formando assim redes de apoio entre pares. Foi num desses espaços que se analisaram narrativas espontâneas de clientes, com particular atenção ao processo negocial mediado digitalmente, à satisfação relatada e à ocorrência de comportamentos de risco e/ou violência. Ao dar visibilidade a estas vozes, a investigação contribui para uma compreensão mais densa das relações, afetos e dinâmicas de poder que atravessam o consumo de sexo comercial.

2 O trabalho sexual online

O trabalho sexual refere-se à prestação consensual de serviços sexuais, presenciais ou virtuais, por pessoas adultas, em troca de remuneração ou outros benefícios materiais. A noção contemporânea de trabalho sexual inclui uma diversidade de práticas e contextos, desde encontros físicos até produções digitais, e valoriza a autodeterminação e a autonomia profissional das pessoas que o exercem. Conforme definido por Oliveira (2008), trata-se de uma transação comercial em que os serviços sexuais são prestados a troco de dinheiro, bens e/ou outros benefícios. Esta definição abrange diferentes modalidades, como a prostituição, a produção de pornografia, danças eróticas, striptease, chamadas telefónicas de teor sexual, entre outras (Weitzer, 2000).

Nas últimas décadas, a indústria do sexo tem vindo a expandir-se e a diversificar-se, tanto nas formas de atuação como nos perfis que a integram (Sanders, 2008). Tradicionalmente, a narrativa dominante posicionava a mulher foi como a prestadora de serviços sexuais e o homem como consumidor (Jeffreys, 2009). No entanto, esta perspetiva tem sido desafiada por abordagens mais inclusivas que reconhecem a diversidade de identidades de género e orientações sexuais entre quem oferece e quem procura serviços sexuais (Smith & Attwood, 2013; Smith et al., 2015), incluindo pessoas trans, não binárias e da comunidade LGBTI+.

O trabalho sexual pode ser exercido de forma independente ou mediado por terceiros (Orchard, 2019), e pode ocorrer de forma presencial (ou direta), com contacto físico entre profissional e cliente, ou de forma remota (ou indireta), sem contacto físico direto. A prestação direta pode incluir, mas não se limita a, práticas como penetração, masturbação mútua ou outras formas de intimidade corporal. A prestação indireta, por sua vez, envolve a mediação digital – através de chamadas, mensagens, conteúdos visuais ou plataformas online (Harcourt & Donovan, 2005).

O trabalho sexual online pode ser conceptualizado como a prestação de serviços sexuais mediada pela internet, abrangendo uma ampla variedade de práticas – desde espetáculos por webcam com remuneração direta até à comercialização de serviços que culminam em encontros presenciais (Jones, 2016; Ray, 2007; Sanders et al., 2016). Neste último caso, mediação digital funciona

sobretudo como ferramenta de agendamento, negociação e reputação, sendo particularmente visível na prostituição de rua ou de apartamento articulada por fóruns especializados. É neste segmento do trabalho sexual online, centrado em interações físicas organizadas por plataformas, que se insere o presente estudo, com foco nas experiências de clientes num fórum português.

3 As experiências sexuais de clientes do sexo comercial

Compreender o trabalho sexual implica considerar não apenas as práticas e condições dos/as profissionais, mas também os sentidos atribuídos pelos próprios clientes à sua participação neste fenómeno. Como refere Sacramento (2005), a relação entre quem compra e quem vende sexo é complexa e multifacetada, atravessada por motivações diversas de ambas as partes. Ainda assim, os estudos sobre o trabalho sexual tendem, historicamente, a privilegiar a perspectiva dos/as profissionais, relegando os clientes para o silêncio ou para retratos estereotipados.

Este desequilíbrio analítico é reforçado por abordagens feministas mais abolicionistas, que, ao enfatizarem a violência e a objetificação sofridas pelas mulheres em contextos de prostituição, desvalorizam a análise das dinâmicas de procura e consumo (Sacramento, 2005). Como tal, compreensões mais amplas sobre as experiências sexuais dos clientes permanecem ausentes, o que limita a compreensão da complexidade relacional no trabalho sexual, especialmente quando mediado por plataformas digitais.

Entre as abordagens mais críticas, destaca-se uma leitura patologizante dos clientes, frequentemente associados a traços como promiscuidade, impulsividade ou ausência de empatia. Estudos como os de Farley et al. (2017) e Monto (2004) referem que os homens que compram sexo tendem a procurar maior variedade de parceiras/os, a reportar mais comportamentos sexuais de risco e a apresentar atitudes mais permissivas em relação à infidelidade conjugal. De acordo com Monto e Milrod (2014), estes clientes consomem pornografia com maior frequência, masturbam-se mais, pensam mais vezes em sexo e tendem a desvalorizar os limites emocionais das profissionais. Adicionalmente, alguns estudos indicam que estes homens apresentam maior propensão para contrair ou transmitir infeções sexualmente transmissíveis (Schei & Stigum, 2010; Seidu et al., 2019; Ward et al., 2005) e demonstram níveis reduzidos de empatia para com as mulheres trabalhadoras do sexo (Farley et al., 2017).

Contudo, outras investigações contestam esta abordagem redutora, propondo uma leitura mais compreensiva das motivações e experiências dos clientes. Estudos como os de Jordan (1997), Martín e Falcón (2021), Morcillo et al. (2021) ou Sanders (2008) sublinham que o recurso ao sexo comercial pode responder a uma multiplicidade de necessidades e desejos: desde a iniciação sexual, à exploração de fantasias, à busca de intimidade, até à vontade de escapar à rotina emocional ou sexual. Sanders (2008) destaca, inclusivamente, fatores de atração simbólica associados à perceção do *glamour* da indústria do sexo, incluindo fantasia, realidade suspensa, adrenalina, desejo de conexão, intimidade, poder, controlo e atenção. Além disso, destaca o *time-out*, isto é, a sensação de escape da rotina e a excitação associada ao envolvimento numa atividade considerada tabu ou desviante.

Apesar da diversidade de motivações, os estudos continuam a documentar comportamentos de risco associados à compra de sexo, nomeadamente, relações desprotegidas, múltiplos parceiros sexuais, consumo de substâncias psicoativas e envolvimento em contextos de vulnerabilidade (Belza et al., 2008; Dimbuene et al., 2014; Pandor et al., 2015; Tariq & Gupta, 2023), o que reforça a necessidade de abordagens que valorizem as suas próprias narrativas.

4 Metodologia

4.1 Justificação e abordagem metodológica

Diversos estudos (Cordeiro, 2023; Cruz, 2016) têm evidenciado as dificuldades de acesso aos clientes de sexo comercial, dada a sua invisibilidade, resultante do estigma associado à compra de serviços sexuais. Face a este desafio, optou-se pela netnografia, dada a sua adequação ao estudo de comunidades online e à observação de grupos de difícil acesso. Segundo Kozinets (2020), esta abordagem permite compreender práticas culturais mediadas por tecnologias digitais, com ênfase na interpretação dos significados partilhados.

A investigação assume carácter exploratório, dada a escassez de conhecimento empírico sobre esta população. Estudos recentes (Mkono et al., 2021) mostram que fóruns online são espaços privilegiados para aceder a narrativas autênticas, cuja credibilidade é reforçada pelas dinâmicas de interação entre membros. Estes ambientes são também locais de construção identitária e de normalização de conduta. Laing et al. (2021) reforçam esta leitura ao descrever os espaços digitais como campos dinâmicos de produção de sentido sobre o prazer, o consumo e a regulação simbólica da sexualidade.

Apesar da sua pertinência, a netnografia levanta questões epistemológicas e éticas relevantes. O carácter espontâneo e não solicitado dos dados pode garantir autenticidade, mas também impõe limites quanto à sua veracidade. A ausência da perspetiva das profissionais do sexo dificulta, por sua vez, a construção de uma perspetiva relacional mais completa. Acresce que a acessibilidade pública dos conteúdos digitais não isenta o/a investigador/a da responsabilidade ética. Mesmo quando os sujeitos são anónimos, é necessário ponderar os efeitos da análise sobre a sua representação. Tal como sublinham Kozinets (2020) e a AoIR (2020), a investigação online exige uma postura ética situada, que equilibre acessibilidade, privacidade e proteção dos participantes.

4.2 O fórum GP-PT.net

Procurou-se conhecer as opiniões e comportamentos dos clientes do sexo comercial, identificando as suas práticas, hábitos e desejos relativamente à compra de serviços sexuais, recorrendo ao fórum GP-PT.net. Este, criado em 2006, conta com um total de 126 635 utilizadores registados e 37 737 tópicos de discussão¹, revelando ser um espaço bastante ativo e de uso regular.

Os tópicos encontram-se organizados por localização geográfica e incluem: *Grande Lisboa – Fórum dos Mouros*, *Grande Porto – Fórum dos Tripeiros*, *Portugal Outras Cidades – Fórum dos Restantes Tugas*, *Internacional - Pinadas no Estrangeiro*. Estes espaços destinam-se à partilha de informações sobre acompanhantes e estabelecimentos associados ao trabalho sexual. Dentro de cada tópico, destacam-se duas salas de grande relevância: *Acompanhantes Individuais Certificadas* e *Acompanhantes Individuais Não Certificadas*. Estas áreas registam um grande fluxo de interação, uma vez que é onde os utilizadores partilham o seu *feedback* acerca das experiências sexuais com as trabalhadoras sexuais.

O fórum dispõe ainda um sistema de *ranking*, que avalia a atividade e participação dos utilizadores com base no número de comentários e publicações efetuadas (Figura 1).

¹ Dados de maio de 2023.

Figura 1. Tipologias de rank

<i>Rank</i>	<i>Publicações</i>	<i>Mínimo de avaliações</i>
<i>Aprendiz</i>	+ de 20	5
<i>Confrade</i>	+ de 50	10
<i>Putanheiro***</i>	+ de 75	20
<i>Putanheiro****</i>	+ de 100	30
<i>Bronze</i>	+ de 150	40
<i>Prata</i>	+ de 250	50
<i>Ouro</i>	+ de 500	100

Fonte: Elaboração própria

Os utilizadores são incentivados a manter um formato uniforme nos seus comentários. Assim, a descrição e avaliação da experiência sexual com a acompanhante deve seguir critérios específicos, como: “aparência física”, “serviço prestado”, “gestão do tempo”, “processo demarcação/comunicação”, “higiene”, “instalações”, “prós e contras” e, por fim, a “avaliação geral da experiência”. Este modelo padronizado visa garantir que a informação transmitida seja clara e objetiva, permitindo que outros utilizadores tenham uma ideia precisa sobre o que podem esperar da acompanhante e dos serviços por ela disponibilizados.

Na dinâmica interna do fórum verifica-se uma forte interação entre os membros, semelhante ao que foi identificado no estudo sobre clientes de pessoas trans, realizado por Ramalho e Vaz (2016). Os gestores e os utilizadores tratam-se mutuamente por “*confrades*”, promovendo um ambiente de hospitalidade e reforçando uma espécie de “união da irmandade”. O respeito mútuo é altamente valorizado e, quando há desentendimentos ou incumprimento das regras do fórum, os utilizadores podem ser expostos na sala *Muro da Vergonha*, inserido no tópico *Administração*. Nesta seção, são criadas mensagens com o nome do utilizador e a razão da sua advertência ou expulsão da plataforma.

4.3 Seleção dos dados

O processo de seleção dos dados baseou-se no número de utilizadores que forneceram *feedback* sobre a sua experiência sexual com determinadas trabalhadoras sexuais. Dado o volume de comentários existentes no fórum *GP-PT.net*, optou-se por selecionar, para análise, apenas o ano de 2022, por ser o ano mais recente disponível à data da investigação, com o intuito de obter dados relevantes e atualizados.

No decorrer dessa seleção, apurou-se que, em 2022, foram registados um total de 287 comentários² na secção de *feedback*, referentes a 155 clientes e a 39 trabalhadoras sexuais. Entre os 155 clientes identificados, verificou-se a seguinte distribuição de *rank*: 105 utilizadores com o nível de *Iniciado*, 13 de *Aprendiz*, 1 de *Supporter**, 5 de *Supporter***, 3 de *Supporter****, 6 de *Bronze*, 1 de *Prata*, 2 de *Ouro*, 8 de *Confrade* e 9 de *Putanheiro*.

4.4 Recolha, organização e análise dos dados

Após a definição do *corpus*, os comentários foram transferidos para uma base de dados e submetidos a uma análise qualitativa sistemática. Inicialmente, procedeu-se à leitura integral dos conteúdos, seguida da segmentação dos comentários em trechos analiticamente relevantes. No total, foram identificados 1290 trechos, que foram posteriormente classificados em categorias e

² A média de TD's (Test Drives) realizados pelos clientes foram 23 por cliente.

subcategorias construídas com base nos princípios da Grounded Theory (Fernandes & Maia, 2001), permitindo que os significados emergissem a partir dos dados.

A estrutura categorial foi construída de forma iterativa, com validação interna baseada em dupla leitura e revisão cruzada. Não foram aplicados critérios de exclusão explícitos, com exceção de comentários claramente irrelevantes do ponto de vista narrativo ou com conteúdo técnico (por exemplo, dúvidas sobre funcionamento do fórum). A opção metodológica priorizou a captação de significados tal como expressos espontaneamente pelos utilizadores, respeitando a linguagem e o contexto comunicacional da plataforma analisada.

5 Resultados

Apesar de a amostra não ser representativa da totalidade dos clientes de sexo comercial em Portugal, os dados recolhidos no fórum *GP-PT.net* oferecem um conjunto empírico denso e revelador sobre experiências vividas e padrões de interação, validando o seu uso em estudos exploratórios conforme defendido por Calvey (2013) e Hine (2015).

A análise netnográfica das narrativas publicadas no *GP-PT.net* permitiu identificar seis dimensões centrais que estruturam a experiência dos clientes de sexo comercial: (1) o processo negocial mediado por plataformas digitais; (2) os “locais de prazer”, com ênfase na localização, privacidade, higiene e conforto; (3) os preços dos serviços sexuais; (4) os desejos e práticas sexuais relatados; (5) os atributos físicos, relacionais e sexuais das trabalhadoras do sexo; e (6) os comportamentos de risco e episódios de violência. Estas dimensões orientaram a organização dos resultados e permitem compreender a complexidade das interações mediadas pelo comércio sexual digital. A apresentação dos resultados está organizada em categorias temáticas para facilitar a compreensão e o encadeamento analítico.

5.1 O processo negocial mediado por plataformas digitais

A escolha de uma trabalhadora do sexo é, na maioria dos casos, influenciada pelos relatos e avaliações de outros clientes deixados no fórum, proporcionando aos utilizadores uma maior sensação de segurança quanto à qualidade da experiência. Este padrão de comportamento já foi identificado em investigações sobre comércio sexual online, onde os fóruns funcionam como mecanismos de reputação entre pares, regulando informalmente o mercado e promovendo a partilha de informação entre consumidores (Cunningham & Kendall, 2011; Sanders et al., 2018).

Depois de muita leitura aqui no tasco decidi visitar a Rebeca. Como já sabia do comportamento, sexo por toda a casa, ia completamente à vontade para o que desse e viesse. (Dimmu)

Começo por dizer que a razão que me levou a ir vê-las nem foram as fotos no seu ensaio, mas sim e unicamente os relatos dos confrades antes de mim. (Daniel Duarte)

O fórum funciona, assim, como um espaço de validação coletiva, onde os relatos não apenas informam escolhas, mas também constroem reputações, atribuem prestígio e moldam normas sobre o que é uma “boa” experiência. Esta dimensão relacional reflete o que Sanders et al. (2018) descrevem como uma forma de governação entre pares nos mercados sexuais online.

Contudo, para alguns clientes, a escolha da profissional é pautada pela proximidade geográfica, indicando que fatores logísticos também desempenham um papel importante na decisão. Este aspeto está alinhado com estudos que referem a relevância da conveniência territorial e da acessibilidade imediata nos mercados sexuais, mesmo quando mediados por tecnologias (Pitcher, 2014).

Após a seleção da trabalhadora sexual, o primeiro contato é predominantemente realizado via WhatsApp, sendo amplamente referido que a comunicação com as profissionais tende a ser ágil e objetiva. Esta forma de contacto direto reflete as novas dinâmicas da prostituição digitalizada, onde

as plataformas de comunicação instantânea funcionam como canais de negociação eficientes (Cunningham & Kendall, 2011; Sanders et al., 2018). Mais do que um canal técnico, o WhatsApp define desde logo o tom relacional do encontro, influenciando as expectativas de intimidade e a percepção do cliente.

A comunicação e marcação com a GP foi toda feita por WhatsApp, e foi muito fácil. É muito fácil comunicar com a GP para marcar um horário, deixa tudo esclarecido e cumpre com o que fica combinado. (carecaecurioso)

Durante o contacto inicial, as profissionais estabelecem previamente as suas condições laborais, cabendo ao cliente aceitá-las ou, em alguns casos, tentar negociar determinados aspetos, como o preço, tempo de serviço ou práticas sexuais específicas. Embora a negociação incida sobretudo em dimensões técnicas, a comunicação inicial pode também antecipar traços de entrega emocional ou disponibilidade afetiva, elementos que, como se verá nas secções seguintes, influenciam significativamente a avaliação da experiência por parte dos clientes.

Os resultados reforçam a visão de algumas abordagens feministas (Sanders, 2008; Weitzer, 2009), que sublinham a autonomia e independência económica das trabalhadoras sexuais, evidenciando que muitas delas gerem a sua própria agenda e atuam dentro dos seus limites pessoais, profissionais e sexuais. Ainda assim, alguns clientes relatam a existência de intermediários na gestão dos encontros, indicando que a voz da pessoa que os atendeu, via telefónica, não correspondia à voz da profissional contratada — o que aponta para casos de mediação indireta.

5.2 Os "Locais de Prazer": Localização, Privacidade, Higiene e Conforto

A análise dos relatos revela que a maioria dos clientes se desloca até o local de atendimento da profissional para usufruir dos serviços sexuais. Contudo, há casos em que o atendimento ocorre em quartos de hotel, motéis ou pensões, a pedido do cliente. Esta mobilidade reflete uma lógica de consumo moldada por conveniências logísticas e pela percepção de conforto, aspetos já identificados como determinantes na escolha dos contextos onde ocorre o sexo comercial indoor (Cunningham & Kendall, 2011; Pitcher, 2014).

Na descrição dos locais de atendimento, os clientes frequentemente ressaltam aspetos valorizados como a facilidade de estacionamento e a privacidade, refletindo a preocupação com o anonimato e a discrição na compra de serviços sexuais. Esta preocupação está em linha com investigações que destacam a importância da proteção da identidade e da minimização do risco de exposição social no consumo de sexo comercial (Sanders et al., 2018; Weitzer, 2009).

Atende num apartamento privado, numa zona movimentada mas sem cafés ou sítios propícios a mirões por perto, algo que valorizo. (castigapretas)

Outro fator relevante mencionado é a existência ou não de outras profissionais atendendo no mesmo local, o que pode impactar a experiência do cliente. Enquanto alguns descrevem apartamentos onde trabalham várias mulheres, outros destacam a ausência de interação com outras profissionais no local, associando essa privacidade adicional a uma melhor experiência global.

Apartamento que parece ter vários quartos para meninas. Para além da Lara vi mais uma pessoa. (PapaRuivas)

Num apartamento (tem companheiras ali a atender também, mas não vi ninguém enquanto estive). (Fucking1978)

Além da privacidade, os clientes dão grande importância à higiene e à qualidade do espaço, avaliando desde o tamanho do quarto até às condições dos equipamentos disponíveis. A infraestrutura física é muitas vezes descrita em detalhe, revelando critérios de avaliação que se aproximam dos utilizados em serviços hoteleiros — dimensão, temperatura, presença de espelhos, casa de banho funcional, entre outros.

O quarto é muito bom, grande, tem AC e um espelho grande na parede ao lado da cama. Tem dois wc's,

um deles apenas com sanita para quem precisar e outro para tomar um duche. No geral, as condições são excelentes, especialmente o quarto. (UnknownUser_1999)

Esta valorização dos espaços fechados e controlados confirma observações anteriores de Lever e Dolnick (2000), que destacam que o sexo comercial indoor tende a proporcionar maior conforto, privacidade e segurança — tanto para os profissionais como para os clientes — do que os contextos de prostituição de rua.

Curiosamente, são raros os relatos de clientes insatisfeitos com a infraestrutura do local, o que sugere que as trabalhadoras do sexo tendem a priorizar a manutenção de um ambiente limpo, confortável e bem equipado. Essa preocupação pode estar associada à necessidade de atrair e fidelizar clientes, numa lógica de prestação de serviços orientada para a satisfação do consumidor. Como observam Sanders et al. (2018), os espaços indoor de trabalho sexual funcionam não apenas como locais de encontro, mas também como dispositivos simbólicos de segurança, controlo e qualidade, contribuindo para redefinir a perceção pública sobre o sexo comercial enquanto transação profissionalizada e padronizada.

Desta forma, o local do encontro emerge como uma componente central da experiência sexual comercial, não sendo apenas um suporte logístico, mas parte integrante da avaliação subjetiva da qualidade da interação. A forma como os clientes descrevem e valorizam os espaços revela que o consumo de sexo comercial está imerso numa lógica de prestação de serviços, onde o conforto ambiental, a privacidade e a higiene são entendidos como extensões do cuidado e da excelência profissional.

5.3 Preços dos Serviços Sexuais

Os preços praticados pelas trabalhadoras do sexo variam de acordo com a duração do encontro e os serviços incluídos. De modo geral, independentemente da profissional, os valores seguem um padrão relativamente uniforme: 90€ por 30 minutos e entre 100€ a 120€ por uma hora, podendo em alguns casos atingir 150€. Esses valores referem-se aos serviços considerados “básicos”, que geralmente incluem penetração vaginal, enquanto os serviços classificados como “extra” são cobrados separadamente³. Esta estrutura tarifária encontra correspondência noutras análises do mercado sexual europeu, que identificam uma relativa padronização de preços em contextos de trabalho sexual indoor, particularmente entre acompanhantes de classe média urbana (Cunningham & Shah, 2018; Pitcher, 2014).

A questão dos preços é um tema recorrente de discussão entre os clientes, sendo frequentemente apontada como um fator negativo da experiência. Muitos consideram os valores praticados elevados, especialmente quando comparados a experiências anteriores ou à sua perceção de custo-benefício, demonstrando que a dimensão económica do encontro sexual é filtrada por critérios subjetivos de satisfação e expectativa.

Acho demais para 150€, mas admito voltar um dia mais tarde, quando já não me lembrar deste TD.
(Insideon)

150€ parece-me um valor elevado para o serviço em questão... 120€ e seria um 8!! No entanto, com o mercado inflacionado, não sei até que ponto não irá subir ainda mais. (galgas)

Apesar das reclamações sobre os custos elevados, nenhum cliente mencionou ter desistido da experiência sexual por razões financeiras. Pelo contrário, a maioria reconhece que o preço está, em grande parte, atrelado à qualidade do serviço prestado e à experiência global. Muitos, inclusive, demonstram intenção de repetir o encontro, reforçando a ideia de que a perceção de valor não está apenas no custo monetário, mas na satisfação proporcionada pela interação.

³ O serviço anal, por exemplo, tem um custo variável entre os 20€ a 60€.

Assim, o preço é avaliado não apenas pela natureza objetiva do serviço prestado, mas também por fatores subjetivos como a antecipação do prazer, a reputação da profissional e a expectativa de exclusividade. Esta percepção de valor, embora ainda centrada na dimensão transacional, começa a insinuar a presença de critérios mais simbólicos e relacionais, que serão aprofundados nas experiências descritas nas secções seguintes.

5.4 Desejos e Práticas Sexuais

Os desejos sexuais dos clientes abrangem uma ampla variedade de práticas. Para além do sexo vaginal, são frequentemente mencionados o sexo oral, o sexo anal, o *ménage à trois*⁴ bem como práticas como *cum in mouth*⁵ e *cum in face*⁶. Esta diversidade revela uma procura pela experimentação e pelo controlo do cenário sexual, aspeto documentado noutras investigações sobre consumo de serviços sexuais (Jordan, 1997; Martín & Falcón, 2021).

A maioria dos clientes relata que, apesar de um nervosismo inicial, a experiência sexual é geralmente avaliada de forma positiva, uma vez que os seus desejos tendem a ser plenamente satisfeitos. O relato emocional do primeiro encontro é muitas vezes marcado por sensações de acolhimento, conforto e envolvimento relacional.

Normalmente num primeiro encontro (...) tenho sempre algum nervosismo, e o melhor elogio que posso fazer à Camila é que me fez esquecer esse nervosismo e parecia que éramos um casal de namorados que já não se via há algum tempo. Passámos para a ação propriamente dita, ela começou a fazer um oral sem [proteção] bastante competente, com alguns afundanços, atenção às redondezas, sempre com muita calma, a transmitir muita tranquilidade, olhar maroto de quem sabe o que está a fazer. (esquadro14)

Para muitos clientes, o envolvimento emocional assume um papel central na avaliação da experiência sexual. Práticas que simulam intimidade, como beijos, carícias prolongadas e troca de olhares — características da chamada *Girlfriend Experience* (GFE) — são amplamente valorizadas, pois evocam uma sensação de conexão afetiva e entrega emocional, conforme descrito por Jones (2013) e Frank (2002). Esta procura de uma relação breve, mas envolvente, contraria a ideia de que o sexo comercial seria meramente transacional, revelando antes o desejo de sentir cuidado, atenção e reciprocidade. As narrativas analisadas mostram que esta dimensão relacional pode ser tão ou mais importante do que o desempenho sexual em si.

Encosta-se a nós, roça pélvis com pélvis, segreda ao ouvido. GFE do melhor. (Samwise Gamgee)

Destacar o arraial de beijos e linguadões da menina, que me deram a sensação de não ser a primeira vez que estávamos juntos e criaram uma conexão incrível (GFE). (gilpestana)

Por outro lado, quando esse envolvimento está ausente, os relatos tornam-se marcadamente negativos. As experiências descritas como “mecânicas”, “apressadas” ou “sem empatia” são frequentemente associadas a desilusão, insatisfação e críticas à profissional. Fatores como o controlo rígido do tempo, a evasão do contacto visual ou a evitação de carícias corporais são interpretados como sinais de frieza ou indiferença, contribuindo para a percepção de uma interação despersonalizada. Assim, a presença ou ausência de afetividade emerge como critério determinante na construção do valor simbólico da experiência sexual.

Pois bem, assim que me apanhou um ponto fraco, não o explorou nesse sentido. Atacou para me matar logo ali e consegui. Conversa alongada em jeito de encher chouriço e atrasar. (galgas)

Senti controlo de tempo, pois após estar a chupar uns minutos disse: ‘Quero encamisar para sentir seu pau.’ Pois é, estas palavras para os mais inexperientes devem ser mel, mas para mim é claro que foi uma forma disfarçada de despachar. Nunca a senti molhada, sempre evitou os toques. (CampNou)

A valorização da entrega afetiva e da simulação de vínculo contribui para a percepção da experiência

⁴ Sexo a três (com a profissional do sexo e a companheira ou com duas profissionais do sexo em simultâneo).

⁵ Ejaculação na boca.

⁶ Ejaculação na cara.

como emocionalmente gratificante, ultrapassando a mera dimensão física do prazer. Estes resultados corroboram as observações de Jones (2013), que sublinha que muitos clientes procuram, não apenas gratificação sexual, mas também formas de conexão emocional que conferem significado à experiência.

Neste sentido, os dados da investigação desafiam algumas correntes feministas que tendem a retratar os clientes de sexo comercial como exploradores ou emocionalmente distantes. Ao contrário, os relatos evidenciam que muitos homens procuram momentos que conjuguem desejo, afeto e intimidade emocional, revelando a complexidade das motivações subjacentes ao consumo de serviços sexuais. Esta complexidade interpela leituras simplistas sobre o papel dos clientes e exige uma abordagem mais relacional, situada e plural das suas experiências sexuais.

5.5 Atributos das Trabalhadoras do Sexo

Nos comentários analisados, são frequentes as referências a características físicas das trabalhadoras do sexo como a cor e tipo de pele, o peso, a altura, as feições faciais, os pés e mãos, os cabelos, os dentes, a cintura, os quadris e os glúteos. Estes atributos, embora subjetivos, revelam as preferências individuais e os padrões de beleza interiorizados que influenciam a escolha dos clientes. Esta atenção minuciosa ao corpo feminino reflete o lugar central da aparência na avaliação do serviço sexual, tal como descrito por Malarek (2009), onde a performance e a estética se entrelaçam com expectativas de consumo erotizado.

Dona de um corpo quase-perfeito (não há nenhum corpo perfeito) e de um rosto lindo, que tanto me dá vontade de a beijar sem parar, como me aguça a lascívia. Uma pele morena, macia, tratada, uma musculatura trabalhada, sem chegar a ser masculina, um rabo que dá vontade de agarrar, morder, dar palmadas, ou simplesmente, apreciar. (Diabo-a-4)

Muitos dos clientes dedicam-se a destacar as qualidades físicas das trabalhadoras, mostrando a complexidade dos gostos e preferências. Contudo, a análise revela que essas expectativas estão frequentemente ancoradas em ideais normativos de beleza e juventude, que geram desilusão quando os corpos reais das profissionais não correspondem às imagens idealizadas dos anúncios. Nestes casos, as críticas são muitas vezes formuladas em linguagem depreciativa, com comentários que expõem frustração e desvalorização da profissional como “produto”.

Bem, as fotos podem ser dela, mas já faz mais de vinte anos seguramente. Encontrei uma mulher feia, 'velha', mas com um corpo para a idade nada mau. O problema foi que não correspondeu ao anúncio. (lowcost)

Chego lá, miúda feia, barriga murcha e descaída, peito péssimo (gostava de contratar quem fez o photoshop, um verdadeiro Da Vinci). (AMSA69)

As narrativas também revelam expressões marcadas por racismo e xenofobia, que reduzem os corpos das mulheres não-brancas a objetos exóticos de desejo. Estas formas de linguagem reforçam hierarquias coloniais e sexistas em que a alteridade racial é instrumentalizada para fins sexuais. As descrições reproduzem uma lógica de dominação simbólica que associa a mulher racializada a um corpo disponível, fetichizado e consumível (Weitzer, 2009).

Agora vem f*der o cu da preta, o que é que um gajo faz (eu não sou de ferro) comi o cu da preta (crisuzana)

... estava no classificados X e pesquisei por japonesa apenas porque sim. Não costumo ir a este site encomendar a comida mas ainda bem que o fiz. (Starxx).

Além das dimensões físicas, muitos clientes também valorizam atributos psicológicos e relacionais, como a simpatia, a capacidade de comunicação e a habilidade de criar um ambiente envolvente e intimista, considerando essas competências essenciais para uma experiência satisfatória e para o desenvolvimento da atividade do trabalho sexual. Estas competências são frequentemente apontadas como essenciais para uma experiência satisfatória, refletindo uma valorização crescente da dimensão afetiva e relacional no encontro sexual. A ideia de “namorada por uma hora” (GFE) surge como uma metáfora da intimidade desejada — uma relação breve, mas marcada por atenção, carinho e reciprocidade.

Esta menina é um doce. O que é importante para mim, pois quando recorro a estes serviços, procuro uma namorada por uma hora, e não apenas sexo. É muito querida, com uma atitude muito positiva e descontraída. Gosta de rir, e de agradar e vai com o flow do momento. É quase como fazer amor com ela. (...) foi sempre super-atenciosa e sempre presente, ou seja está ali naquele momento para mim. (unless)

Em contraste, os atributos sexuais também recebem destaque e são frequentemente descritos de forma exuberante, com relatos que enfatizam o desempenho, a resistência física e a intensidade da experiência. Em muitos casos, a linguagem utilizada aproxima-se da exaltação da virilidade do cliente (Ramalho & Vaz, 2016), promovendo uma narrativa centrada no controlo e no poder masculino — o “macho alfa” dominante que conquista e consome. Esta retórica performativa tem sido identificada como parte de uma masculinidade sexualizada que reforça a objetificação da mulher (Monto & Milrod, 2014).

Tenho a dizer que foi dos melhores broches da minha vida (...) Afundações, cuspidelas, tratamento dos apêndices, tudo (...) Tivemos uns largos minutos nisto até que mandei abrandar para não ficar logo ali, encapotámos, rodámos umas posições e de 4, enganei-me e no entusiasmo meti-lhe no rabo, nem se queixou e ainda incentivou, começando ela literalmente a foder-me, impressionante! Nisto digo que me estou a vir e pimba, tudo na boquinha mas não sei se engoliu. Depois volta, massagem e segundo round, novamente oralidades divinais e várias posições sempre com ela a dar tudo! Terminei de 4! (Street)

No entanto, mesmo quando há valorização do desempenho sexual, a ausência de envolvimento emocional ou empatia pode conduzir a avaliações negativas. Algumas profissionais são criticadas por parecerem frias, desinteressadas ou “estranhas”, o que leva à associação com problemas psicológicos ou mentais, mesmo quando apresentam atributos físicos ou técnicos apreciados. Isso demonstra que o sucesso da experiência não depende apenas da performance sexual, mas também da capacidade de estabelecer uma conexão emocional (Jones, 2013).

(...) fiquei com a ideia de ter um atraso qualquer em termos mentais. É feia sem piada nenhuma, talvez as mamas sejam ok mas nem para falar serve. A pior GP de sempre na minha lista (per66)

Esses comentários evidenciam que o desempenho sexual, por si só, não é suficiente para garantir uma avaliação positiva. Quando os atributos psicológicos e relacionais estão ausentes, mesmo as profissionais com grandes habilidades sexuais são consideradas insatisfatórias. A habilidade de interagir, saber comunicar e criar um ambiente emocionalmente conectado é, para muitos clientes, o que distingue uma relação comercial de uma experiência verdadeiramente gratificante.

5.7 Comportamentos de Risco e Violência(s) durante as Práticas de Sexo Comercial

A análise dos comentários dos clientes revelou, ainda que de forma não sistemática, a ocorrência de comportamentos de risco associados à proteção sexual e ao uso de substâncias psicoativas durante os encontros. A omissão frequente de informações relativas à segurança e consentimento nas narrativas pode refletir tanto a naturalização desses comportamentos quanto uma tentativa de ocultar práticas socialmente reprováveis.

Um dos principais comportamentos de risco identificados diz respeito à proteção sexual. Muitos relatos indicam desagrado com o uso de preservativo, especialmente no sexo oral, sendo o seu uso visto como um obstáculo à intensidade do prazer. Este dado corrobora estudos internacionais, que indicam que uma parte significativa dos clientes de sexo comercial demonstra resistência ao uso consistente do preservativo, sobretudo quando a decisão é deixada à iniciativa da trabalhadora sexual (Belza et al., 2008; Garcia et al., 2006; Santos, 2019).

(...) depois de algum esfreganço e de se libertar da pouca roupa que tinha, coloca o preservativo e inicia um oral desagradável, sempre a olhar-me nos olhos. Embora sem ser nada do outro mundo, até esse momento estava no limite do positivo. Não gostei de ter de usar preservativo. (ccc30)

Este tipo de comentário revela não apenas uma preferência individual, mas uma atitude que prioriza o prazer imediato em detrimento da proteção, ignorando os riscos associados às infeções sexualmente transmissíveis (IST). Estudos indicam que esta resistência é frequentemente

influenciada por uma percepção de confiança baseada na aparência da profissional ou na sua suposta higiene, o que representa uma falsa sensação de segurança (Deering et al., 2014).

Outro aspeto identificado diz respeito ao consumo de álcool durante os encontros sexuais. Embora a menção a substâncias seja limitada, há casos em que os clientes admitem ter mantido relações sexuais sob o efeito de álcool, o que afetou negativamente o seu desempenho e o tipo de interação com a profissional. Nestes contextos, surgem sentimentos de culpa ou dúvida quanto à sua conduta durante o encontro, ainda que sem referência explícita a comportamentos agressivos.

(...) tenho de avisar que o TD está muito condicionado pelo álcool, há algumas partes que me falham, e no dia seguinte até lhe pedi desculpa por não ir no meu estado "normal" e por poder ter feito algo que menos correto ou indelicado. (esquadro14)

O consumo de substâncias tem sido amplamente associado ao aumento de comportamentos sexuais de risco, tanto do lado dos clientes como das trabalhadoras do sexo. A redução da percepção de risco, a desinibição e o comprometimento do consentimento são fatores críticos identificados em vários estudos (Belza et al., 2008; Deering et al., 2014; Garcia et al., 2006).

No que diz respeito à violência física, não foram identificados relatos explícitos de agressões por parte dos clientes nas narrativas analisadas. No entanto, surgem descrições de interações tensas e potencialmente conflituosas, especialmente em situações relacionadas com o pagamento dos serviços. A ausência de pagamento ou a tentativa de renegociação forçada após o ato podem gerar confrontos verbais e episódios de tensão, sugerindo um clima de desconfiança e instabilidade relacional.

Entretanto depois de la mamar até ao fim e de a ter enrabado com aquele mini rabo foi chamar o segurança e queria mais dinheiro tive que chamar a polícia e acabei por sair sem problemas do apartamento. A jade está na avenida 4 de outubro uma burla esta put* (sabatini33)

Este tipo de relato evidencia a precariedade das condições de negociação e a assimetria de poder que pode emergir em interações onde a confiança é frágil ou inexistente. A ausência de mecanismos formais de regulação e a invisibilidade legal da atividade sexual comercial em muitos contextos contribuem para esse ambiente de vulnerabilidade.

6 Conclusões

Este estudo procurou compreender as experiências de clientes de sexo comercial em Portugal, com base numa análise netnográfica de um fórum online. A partir das narrativas recolhidas, foi possível aceder a discursos espontâneos que revelam motivações plurais: desde a procura de prazer físico imediato até à busca de intimidade emocional, reconhecimento entre pares e validação pessoal. Estes dados desafiam visões simplificadas do sexo comercial como prática estritamente transacional.

Os resultados mostram que os clientes não formam um grupo homogéneo, e que as suas experiências são moldadas por diferentes formas de negociação, avaliação e construção de intimidade. A satisfação sexual é influenciada não só pelo desempenho físico ou técnico, mas também por fatores relacionais e simbólicos. A valorização da *Girlfriend Experience*, por exemplo, sugere uma procura por envolvimento afetivo e atenção emocional, mesmo quando mediada por relações comerciais.

Contudo, essa intimidade pode ser instrumentalizada dentro de lógicas relacionais marcadas por assimetrias de género. A análise evidencia a persistência de modelos de masculinidade hegemónica (Connell, 1995), expressa na dominação sexual, na objetificação do corpo feminino e na performance e afirmação da virilidade. Simultaneamente, a ausência de referências ao corpo do cliente revela um padrão de invisibilidade masculina, que reforça o privilégio do sujeito que consome, em contraste com a exposição e avaliação constante da profissional. Esta assimetria pode ser compreendida à luz da performatividade de género (Butler, 1990), onde o corpo visível é

também aquele que é submetido a avaliação, controle e normatização, enquanto o corpo do cliente permanece fora de escrutínio.

Paralelamente, observam-se comportamentos de risco no contexto das interações sexuais, como a resistência ao uso do preservativo — sobretudo no sexo oral — e o consumo de álcool durante os encontros. Tais práticas, ainda que por vezes acompanhadas de consciência preventiva, mostram-se contraditórias com lógicas de cuidado e segurança. Neste contexto, os fóruns online funcionam como arenas simbólicas de regulação entre pares, onde se partilham experiências, validam condutas e se constroem modelos normativos de masculinidade e consumo sexual.

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui para uma compreensão relacional do consumo de sexo comercial, articulando desejo, afeto e poder como dimensões indissociáveis. Ao centrar-se nas vozes dos clientes, oferece um contraponto às abordagens mais patologizantes ou simplistas (Farley et al., 2017; Monto, 2004), revelando tensões entre privilégio e vulnerabilidade, controle e reconhecimento. A partir de contributos de Connell (1995) e Butler (1990), revela-se como o consumo de sexo comercial é também um campo de performance de masculinidade, onde se manifestam continuidades e contradições entre poder e afeto. Esta abordagem contribui, assim, para expandir os quadros interpretativos do trabalho sexual e da sexualidade masculina, em contextos digitais e mediados por pares.

Apesar da riqueza do *corpus* empírico, importa reconhecer as limitações da abordagem. O estudo baseia-se num espaço digital autorregulado, de acesso restrito, frequentado por utilizadores anónimos e ativos num fórum. A ausência de perspetivas cruzadas — nomeadamente das profissionais do sexo — e a impossibilidade de verificar identidades ou perfis dos participantes limitam a generalização dos resultados. Para investigações futuras, recomenda-se a triangulação metodológica com outras fontes e plataformas que permitam não só contrastar perspetivas entre clientes e profissionais, como também explorar dimensões como a classe, o território, a idade e a orientação sexual. A adoção de protocolos éticos robustos, como os recomendados pela AoIR (2020), será essencial para garantir a integridade da investigação com populações vulneráveis em contextos digitais.

Bibliografia

Association of Internet Researchers. (AoIR). (2020). *Internet research: Ethical guidelines 3.0*. <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>

Belza, M. J., Fuente, L., Suárez, M., Vallejo, F., García, M., López, M., Barrio, G. & Bolea, A. (2008). Men who pay for sex in Spain and condom use: Prevalence and correlates in a representative sample of the general population. *Sexually Transmitted Infections*, 84(3), 207-211. <https://sti.bmj.com/content/84/3/207>

Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge.

Calvey, D. (2013). Covert ethnography in criminology: A submerged yet creative tradition. *Current Issues in Criminal Justice*, 25(1), 541-550. <https://doi.org/10.1080/10345329.2013.12035980>

Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. University of California Press.

Cordeiro, A. L. (2023). *Trabalho sexual, estigma e saúde: Discursos e percursos de profissionais portuguesas/as*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/11506>

Cruz, J. (2016). *Estudo exploratório sobre as mulheres clientes de prostituição: Características, motivações e significados*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/86662/2/160919.pdf>

Cunningham, S., & Kendall, T. D. (2011). Prostitution, technology, and the law: New data and directions. In L. R. Cohen & J. D. Wright (Eds.), *Research handbook on the economics of family law* (pp. 221–231). Edward Elgar. <https://doi.org/10.4337/9780857930644.00015>

Cunningham, S., & Shah, M. (2018). Decriminalizing indoor prostitution: Implications for sexual violence and public health. *The Review of Economic Studies*, 85(3), 1683–1715. <https://doi.org/10.1093/restud/rdx065>

Deering, K. N., Shannon, K., Sinclair, H., Parsad, D., Gilbert, E., & Tyndall, M. W. (2014). Client demands for unsafe sex: The socioeconomic risk environment for HIV among street and off-street sex workers. *American Journal of Public Health*, 104(7), e80–e88. <https://doi.org/10.1097/QAI.0b013e3182968d39>

Dimbuene, Z. T., Emina, J. B., Sankoh O. (2014). UNAIDS “multiple sexual partners” core indicator: Promoting sexual networks to reduce potential biases. *Global Health Action*, 7(1). <https://doi.org/10.3402/gha.v7.23103>

Farley, M., Golding, J. M., Matthews, E. S., Malamuth, N. M., & Jarrett, L. (2017). Comparing sex buyers with men who do not buy sex: New data on prostitution and trafficking. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(23), 3601-3625. <https://doi.org/10.1177/0886260515600874>

Fernandes, E., & Maia, A. (2001). *Grounded Theory*. In E. Fernandes & L. S. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 49-76). Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4209/1/Grounded%20Theory.pdf>

Garcia, S., Yam, E & Firestone, M. (2006). “No party hat, no party”: Successful condom use in sex work *Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades* <https://doi.org/10.46661/relies.11875>

- in Mexico and the Dominican Republic. *Reproductive Health Matters*, 14(28), 53-62. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=951694#
- Harcourt, C., & Donovan, B. (2005). The many faces of sex work. *Sexually Transmitted Infections*, 81(3), 201–206. <https://doi.org/10.1136/sti.2004.012468>
- Hine, C. (2015). *Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday*. Bloomsbury Academic.
- Jeffreys, S. (2009). *The industrial vagina: The political economy of the global sex trade*. Routledge.
- Jones, K. Z. (2013). “Emotional landscapes” and the value of sex: Exploring the lived experiences of sex workers’ clients. [Dissertação de mestrado, Universidade Wilfrid Laurier]. https://scholars.wlu.ca/cgi/viewcontent.cgi?article=2711&context=etd&httpsredir=1&refere_r=
- Jones, A. (2016). “I get paid to have orgasms”: Adult webcam models’ negotiation of pleasure and danger. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 42(1), 227–256. <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/686758>
- Jordan, J. (1997). User pays: Why men buy sex. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 30(1), 55-71. <https://doi.org/10.1177/000486589703000105>
- Kozinets, R. V. (2020). *Netnography: The essential guide to qualitative social media research* (3rd ed.). Sage.
- Malarek, V. (2009). *The Johns: Sex for sale and the men who buy it*. Key Porter Books.
- Marques, C. (2013). *As mulheres clientes de sexo comercial: Um estudo exploratório sobre as clientes do striptease masculino*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://hdl.handle.net/10216/111011>
- Martín, P. & Falcón, C. (2021). La relación de compraventa en la prostitución. *Revista de Ciencias Humanas y Sociales*, 78(153), 617-635. <https://doi.org/10.14422/mis.v78.i153.y2020.004>
- Matias, S. (2014). *Perceções de polícias sobre a prostituição: Um estudo exploratório feito no Porto*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://hdl.handle.net/10216/79445>
- Melo, M. (2015). *Masculinizar o trabalho sexual: Perceções e vivências de trabalhadores do sexo homens acerca do comércio de sexo entre homens*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/83106/2/120535.pdf>
- Mkono, M., Ruhanen, L., & Markwell, K. (2021). From netnography to auto-netnography in tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 87, 103123. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.03.002>
- Monto, M. (2004). Female prostitution, customers, and violence. *Violence Against Women*, 10(2), 160-188. <https://doi.org/10.1177/1077801203260948>
- Monto, M. & Milrod, C. (2014). Ordinary or peculiar men? Comparing the customers of prostitutes with a nationally representative sample of men. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 58(7), 802-820. <https://doi.org/10.1177/0306624X13480487>

- Morcillo, S., Martynowsky, E & Barbero, M. S. (2021). ¿El macho “apichonado”? Masculinidad, emociones y relaciones de género en los relatos de varones que pagan por sexo en Argentina. *Contemporânea: Revista de Psicologia da UFSCar*, 11, 608-622. <https://doi.org/10.4322/2316-1329.2021007>
- Moreira, C. (2019). *Mulheres trans trabalhadoras do sexo: Impactos e significados sobre o corpo e a saúde*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário da Maia]. ISMAI. https://repositorio.umaia.pt/bitstream/10400.24/1214/1/TESE_FINAL_out.pdf
- Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição: Trajectórias, discursos e práticas: Um estudo etnográfico*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/95118>
- Oliveira, A. (2017). Prostituição em Portugal: Uma atividade marginalizada num país que tolera mais do que persegue. *Bagoas*, 17, 201-224. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/13525>
- Orchard, T. (2019). Sex work and prostitution. In *Encyclopedia of Sexuality and Gender* (Vol. 2, pp. 1-5). Springer. https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007/978-3-319-59531-3_15-1#citeas
- Pandor, A., Kaltenthaler, E., Higgins, A., Lorimer, K., Smith, S., wylie K., & Wong, R. (2015). Sexual health risk reduction interventions for people with severe mental illness: A systematic review. *BMC Public Health*, 15, Artigo 138. <https://doi.org/10.1186/s12889-015-1448-4>
- Pinto, M. (2018). *Prostituição de luxo: Sentidos e representações atribuídas à prostituição de luxo em contexto universitário*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. Instituto de Ciências Sociais. <https://hdl.handle.net/1822/56049>
- Pitcher, J. (2014). Diversity in sex work in the UK: Meanings and values. *Graduate Journal of Social Science*, 11(2), 44–61. <https://gjss.org/sites/default/files/issues/chapters/papers/GJSS%20Vol%2011-2%20Pitcher.pdf>
- Ramalho, N. (2012). O trabalho sexual: Discursos e práticas dos assistentes sociais em debate. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 12, 64-91. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000600004>
- Ramalho, N., & Vaz, A. (2016). Quem são os clientes das travestis trabalhadoras do sexo em Portugal? Breve caracterização dos T-Lovers. In *Atas do IX Congresso Português de Sociologia: Portugal, território de territórios*. <http://hdl.handle.net/10071/23135>
- Ramalho, N. (2019). *“Virar Travesti”: Trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social*. [Tese de Doutoramento, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/19313>
- Ramalho, N. (2021). A vitimação de mulheres trans em contextos de trabalho sexual. In *VI Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra: Uma visão transdisciplinar* (pp. 394-405). https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/25970/1/conferenceobject_89798.pdf
- Ray, A. (2007). *Sex on the open market: Sex workers harness the power of the Internet*. In K. Jacobs, M. Janssen, & M. Pasquinelli (Eds.), *C’lick me: A netporn studies reader* (pp. 45–68). Institute of Network Cultures.
- Rolo, A. (2017). *Violência contra trabalhadoras sexuais*. [Dissertação de Mestrado, Universidade
Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades
<https://doi.org/10.46661/relies.11875>

Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa.
<http://hdl.handle.net/10284/6160>

Sacramento, O. (2005). *Os clientes da prostituição abrigada: A procura do sexo comercial na perspetiva da construção da masculinidade* [Dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho]. Repositório Aberto da Universidade do Minho.
<https://hdl.handle.net/1822/37019>

Sacramento, O. & Ribeiro, B. F. (2010). *Mulheres que trabalham, homens que se envolvem: Género, estratégias e práticas na prostituição abrigada*. In M. C. Silva & B. F. Ribeiro (Eds.), *Mulheres da Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas* (pp. 165-182). Editora Húmus.

Sanders, T. (2008). *Paying for Pleasure: Men Who Buy Sex*. Willan Publishing.

Sanders, T., Connelly, L., & King, L. (2016). On our own terms: The working conditions of Internet-based sex workers in the UK. *Sociological Research Online*, 21(4), 133–146.
<https://doi.org/10.5153/sro.4152>

Sanders, T., Scoular, J., Campbell, R., Pitcher, J., & Cunningham, S. (2018). *Internet sex work: Beyond the gaze*. Palgrave Macmillan.

Seidu, A. A., Darteh, E. K M., Kumi-Kyereme, A., Dickson, K. S., & Ahinkorah, B. O. (2019). Paid sex among men in sub-Saharan Africa: Analysis of the demographic and health survey. *SSM Population Health*, 11, 100459. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2019.100459>

Schei, B & Stigum, H. (2010). A study of men who pay for sex, based on the Norwegian national sex surveys. *Scandinavian Journal of Public Health*, 38(2), 135-140.
<https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2019.100459>

Smith, C. & Attwood, F. (2013). Emotional truths and thrilling slide shows: The resurgence of antiporn feminism. In T. Taormino, C. Penley, C. Shimizu, & M. Miller-Young (Eds.), *The feminist porn book: The politics of producing pleasure* (pp. 41-55). Feminist Press at the City, University of New York.

Smith, N., Laing, M., & Pilcher, K. (2015). *Queer sex work*. (1st ed.). Routledge.

Tariq, N., & Gupta, V. (2023). *High risks behaviors*. StatPearls Publishing.
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK560756/>

Ward, H., Mercer, C. H., Wellings, K., Fenton, K., Erens, B., Copas, A., & Johnson, A. (2005). Who pays for sex? An analysis of the increasing prevalence of female commercial sex among men in Britain. *Sexual Transmitted Infections*, 81(6), 467-471. <https://sti.bmj.com/content/81/6/467>

Weitzer, R. (2000). *Sex for sale: Prostitution, pornography and the sex industry*. Routledge.

Weitzer, R. (2009). Sociology of sex work. *Annual Review of Sociology*, 35(1), 213-234.
<https://doi.org/10.1146/annurev-soc-070308-120025>